

Pressão eleitoral altera rotina de Tasso

Governador retoma contatos em Brasília e assiste a relançamentos de seu nome para 2002

SILVIO BRESSAN

Um sorriso discreto e um lacônico "Vamos ver" é o máximo de empolgação demonstrada pelo governador do Ceará, Tasso Jereissati (PSDB), aos amigos e populares que tentam procurá-lo nos últimos 15 dias, desde que admitiu ao **Estado** a possibilidade de se candidatar à Presidência da República, em 2002. O telefone do segundo andar do Palácio do Cambauba tem tocado mais e o assunto tornou-se obrigatório nas ruas de Fortaleza e em cerimônias públicas, mas Tasso mantém a fleuma de quem não quer ser candidato de si mesmo.

"Ele acha graça, mas no fundo já está se acostumando com a idéia", especula o senador Luiz Pontes (PSDB-CE), amigo do governador há 20 anos. "Tasso é um homem de desafios", justifica. Talvez por acreditarem nisso, os políticos do PSDB cearense estão alvoçados. "Não há evento político local sem uma citação à candidatura do governador", diz um assessor do governo.

A própria missa em ação de graças pelo aniversário de Tasso, que completou 52 anos na sexta-feira, transformou-se numa comemoração política. Até mesmo o d. Aldo Pagotto, o presidente da CNBB-Nordeste que celebrou a missa na Favela do Pantanal, disse que Tasso é hoje "o homem mais preparado para presidir o Brasil". Cerca de mil pessoas acompanharam a missa, seguida da inauguração do Centro Educacional d. Aloísio Lorscheider, que vai abrigar 60 menores em situação de risco.

"O que existe de melhor de tucano no Brasil está no Ceará", elogiou o presidente da Assembleia Legislativa daquele Estado, Wellington Landim, que pediu a palavra para relançar o nome de Tasso. "Nosso governador é reconhecido nacionalmente pela grande administração que faz e esse modelo de independência e equilíbrio precisa ser adotado no Brasil, sem barganha pessoal, sem negociar no varejo."

Na convenção estadual do PSDB realizada há dez dias, em Fortaleza, também houve discursos inflamados a favor da candidatura do governador. Além de Pontes, o senador Lúcio Alcântara (PSDB-CE) e Landim, que é o novo presidente regional do partido, não perderam a chance de estimular Tasso.

"Meu apoio é óbvio e os dis-

curso na convenção surgiram naturalmente", diz o senador Alcântara. "O importante é que o Tasso não está ansioso e prefere esperar pelos acontecimentos porque sabe que vai encontrar obstáculos."

Ciúme – Um deles, aliás, já ficou evidente na reação negativa do ministro da Saúde, José Serra (PSDB), também candidato a candidato ao apoio que Tasso recebeu do governador de São Paulo, Mário Covas. Antes dele, o presidente do Congresso, Antonio Carlos Magalhães (PFL), já havia lançado Tasso. Além do ciúme no ninho tucano e da resistência do PMDB a um nome patrocinado por ACM, ainda existe a candidatura do amigo, Ciro Gomes (PPS), que aparece em segundo lugar nas pesquisas.

Nenhuma dessas dificuldades, entretanto, parece ter muita importância para a população. "A candidatura do Tasso gera uma expectativa muito grande, porque o Ceará nunca teve um presidente eleito", observa Ivan Maurício, da MCI Consultoria. Os dois cearenses que chegaram ao cargo, lembra ele, percorreram a via indireta: José Linhares substituiu com um mandato-tampão o ditador Getúlio Vargas, em 1937, e Castello Branco foi nomeado como primeiro presidente do regime militar, em 1964.

Por isso, avalia Maurício, a eventual candidatura de Tasso une mais do que separa. "É uma questão que mexe muito com o povo cearense", analisa. "Mesmo os adversários do governador terão dificuldade de criticar essa possibilidade, porque ficariam na contramão da opinião pública." De fato, os deputados federais Eunício Oliveira (PMDB), Roberto Pessoa (PFL) e Inácio Arruda (PC do B), principais adversários, têm se mantido discretos.

O outro oponente de peso, o prefeito reeleito de Fortaleza, Juraci Magalhães (PMDB), adotou linha mais pragmática. "Juraci nunca fez oposição frontal ao governador e já declarou que apoiaria sua candidatura", conta Maurício. Se fica difícil para o prefeito adversário desafiar Tasso, muito mais complicado seria para o aliado Ciro concorrer contra quem o lançou ao governo, em 1990. "No cenário nacional, Ciro pode ser mais conhecido, mas no Ceará ele é visto como pupilo de Tasso", diz o especialista da MCI. "E seria muito negativo para Ciro perder no seu próprio Estado."

Além do respaldo local, Maurício acha que Tasso pode encontrar menos barreiras do que alguns dos atuais candidatos. "Embora seja cearense, ele não é identificado como nordestino típico, uma característica que ainda hoje atrapalha Lula nos Estados do Sul", cita Maurício, numa referência ao presidente de honra do PT, Luiz Inácio Lula da Silva. "Também conta com a simpatia do empresariado, sem ser visto como um político típico."

Essa característica já trouxe problemas para o governador, sempre avesso a um contato mais próximo com a população e mais frequente com a mídia. "A distância já foi vista com desconfiança, mas hoje está mais associada à falta de tempo de quem está voltado só para o trabalho", explica Maurício, que já coordenou diversas pesquisas de opinião sobre o governo. Uma imagem que Tasso faz questão de manter. "Suas reuniões são intermináveis, ele pede detalhe de tudo e

não incentiva nenhum comentário sobre seu futuro político", observa um assessor.

"Não incentiva, mas também não proíbe", acrescenta um político ligado ao governa-

A PESAR DE
OPOSITOR,
JURACI DÁ
APOIO

dor. Para ele, Tasso já dá sinais de que começou a gostar do sonho presidencial. "Ele tem se aproximado mais da mídia, retomado contatos em Brasília e está mais participativo em relação aos problemas nacionais." Os amigos mais próximos acham que ele está deixando o barco flutuar para indicar o caminho, mas não vai mudar de direção se o rumo for o do Planalto.

Destino – "Tasso acredita em destino mais do que em desejo", diz um desses interlocutores. "Lembra que José Sarney e Itamar Franco chegaram lá sem jamais sonhar com o cargo e que Ulysses Guimarães morreu sem conseguir esse objetivo." Tasso não esquece também que alguns de seus ídolos políticos do velho MDB, como Miguel Arraes (*hoje presidente do PSB*) e Waldir Pires (*atualmente deputado pelo PT*), se consideravam predestinados ao terceiro andar do Planalto. "A fixação por um cargo não faz bem a ninguém, porque impede você de enxergar qualquer outra coisa", costuma comentar o governador. Mesmo aos amigos, ele só concede uma certeza. "Não entro em nenhuma disputa que não seja para ganhar." (Colaborou Lauriberto Braga)